



Projeto:

Em Busca da Memória de uma Banda Centenária

CORUMBÁ DE GOIÁS E A BANDA 13 DE MAIO: UMA RELAÇÃO SIMBIÓTICA

Dr. Marcos Botelho

Quando pensamos em uma cidadezinha do interior alguns estereótipos nos vem à mente: uma praça com idosos sentados e crianças brincando, ao fundo uma igreja, um coreto e uma banda. Estas imagens são verdadeiras em inúmeras cidades pelo Brasil, com algumas variações é claro, mas pensar numa tarde de domingo, a festa da padroeira, a quermesse da Igreja, até mesmo alguns funerais em uma cidade do interior sem uma banda é quase impossível.

Nossa tradição de Banda remonta à colonização portuguesa. Nos primórdios da colonização, os catequistas, aqui chegados, já organizavam grupos instrumentais com os índios. Também era hábito dos senhores de fazenda, no século XVII, formarem bandas com escravos sob direção de mestres trazidos da Europa.

A pesquisadora Maria de Fatima Tacuchian demonstra que os governadores portugueses, na América Portuguesa durante o período colonial, mantinham grupos de três a quatro músicos, chamados de chameleiros. No século XIX, as famosas Bandas de Barbeiros, formadas geralmente por africanos libertos, eram remanescentes destes chameleiros. Os conjuntos de chameleiros negros foram antecessores da banda de música tal como a conhecemos hoje.

O escritor José Ramos Tinhorão apresenta o decreto de 20 agosto de 1802 que tornou obrigatória a existência de banda de música em todo Regimento de Infantaria mantido pelo erário público. Isto fez com que estas novas bandas militares substituíssem as antigas formações de chameleiros e bandas de barbeiros. Era necessário um grande número de músicos para suprir esta demanda nos quartéis. Ainda complementa que a banda militar, era uma das poucas oportunidades que grande parte da população das principais cidades brasileiras tinha para ouvir música instrumental, na segunda metade do século XIX. Essa oportunidade era de fato “*a música domingueira dos coretos das praças*” (Tinhorão, 1976 p. 58).

Realização



Itaú
cultural

MINISTÉRIO DA
CULTURA





Projeto:
Em Busca da Memória de uma Banda Centenária

Em inúmeras localidades estas bandas surgiram e se desenvolveram em conjunto com a comunidade que a cercavam. Muitas vezes conhecemos as bandas pelo nome de suas cidade e não pelo seu nome próprio. Nas cidades onde existem mais de uma, muitas vezes estas bandas são ligadas aos movimentos políticos locais. Algumas bandas são formadas por dissidências políticas, como o caso da Banda 13 de Maio.

Muitas destas bandas possuem existências longevas, são mais que centenárias. Deste modo, suas práticas e tradições acabam se fundindo às práticas culturais de suas localidades. Desde o início de nossa pesquisa notamos uma relação “simbiótica”, entre banda e comunidade, é impossível falar de uma sem falar de outra. A inserção da banda nas atividades culturais, sejam religiosas ou secular, em Corumbá de Goiás é tamanha que alguns entrevistados repetiam a mesma frase: “ sem banda não tem cavalhadas”, “ sem a participação da banda , não temos os festejos da Semana Santa”, “ sem banda não é possível ter a folia do Divino” e assim por diante.

Nas festas religiosas podemos destacar os festejos da “Festa do Divino”, comemorado em maio ou junho. Segundo o historiador local, Ramir Curado, ela começa cerca de duas semanas após o domingo de Páscoa. A Folia possui um cortejo em que a banda percorre a cidade. Esta folia foi abordada no documentário produzido por este projeto. Porém vale ressaltar que a participação da banda é primordial neste cortejo. Ela, juntamente com o grupo de pau e cordas, é responsável pela parte musical. Foram compostas músicas para serem tocadas nestes cortejos, podemos até mesmo citar o Dobrado Espirito Santo do antigo maestro da banda Antônio Augusto da Silva. Vale lembrar que este dobrado foi lembrado e citado por quase todos os entrevistados em nosso projeto. A prática da Folia do Divino com a banda é na realidade quase *sui generis*, somente em pouquíssimas cidades do estado de Goiás podemos localizar atividades semelhantes, mas não iguais.

Ainda tratando das festas religiosas, a Semana Santa, a participação da banda está enraizada nas tradições. Cada dia possui sua atividade característica específica, com seu repertório a ser executado. Inúmeras destas músicas foram compostas pelos maestros que passaram a frente da banda. Estas músicas são tocadas sempre nestas procissões

Realização



Itaú
cultural

MINISTÉRIO DA
CULTURA





Projeto:
Em Busca da Memória de uma Banda Centenária

específicas, estas partituras somente são localizadas no arquivo da banda. Podemos citar a marcha fúnebre Rua da Amargura do antigo maestro Francisco Bruno do Rosário que é tocado na procissão da Sexta-feira há mais de 100 anos. Esta procissão está no documentário e a partitura desta marcha fúnebre foi editorada e revisada durante o projeto. Estes são apenas dois exemplos de festas religiosas tradicionais de Corumbá de Goiás em que a participação da banda é parte integrante. Ainda podemos somar à esta lista a Festa de São Sebastião e os festejos da Padroeira Nossa Senhora da Penha de França.

Talvez a prática cultural não religiosa mais significativa da cidade sejam as Cavalhadas. Segundo o historiador Ramir Curado as Cavalhadas começaram em 1752, tiveram algumas interrupções em sua trajetória. Toda a parte musical é feita pela banda, desfile, apresentação dos cavaleiros, fundo musical etc.

Tradicionalmente a banda toca os “galopes”, nosso primeiro contato com este gênero musical foi bastante interessante. Na música europeia encontramos um gênero de mesmo nome, uma dança de originária da Europa Central. Esta dança possui um ritmo bastante acelerado, por isso recebeu o nome do passo mais acelerado do cavalo, galope. Tornou-se popular nos salões europeus no início do século XIX, antes mesmo da polca. Logo se tornou comum nos finais de noite.

Pois bem, este galope das cavalhadas também tem origem europeia, mas em outra dança, na quadrilha. Mais uma vez recorrendo ao Tinhorão, ele nos informa que esta era uma dança coletiva de salão que foi muito popular no Brasil no início do século XIX. É uma dança em compasso binário, simples ou composto, ou seja de dois tempos, assim como o Galope europeu. As duas tem andamento rápido, embora o galope das quadrilhas seja mais lento, aproximadamente o andamento de uma marcha. Nas entrevistas fomos informados que a velocidade que são tocados os galopes devem coincidir com a velocidade dos passos dos cavalos. Embora os entrevistados, mesmo quando confrontados na roda de entrevistas, não souberam responder se é o cavalo que segue a banda ou a banda que segue o cavalo. Mas o certo é que os dois, cavalo e banda, devem estar em sincronia.

Realização



Itaú
cultural

MINISTÉRIO DA
CULTURA





Projeto:
Em Busca da Memória de uma Banda Centenária

A tradição das cavalcadas existe em várias cidades de Goiás, como em outras partes do Brasil. Cada localidade possui suas características cênicas e principalmente musicais. No caso de Goiás, a Banda 13 de Maio é responsável pela parte musical das cavalcadas de Corumbá de Goiás e Palmeiras de Goiás. Estes Galopes tocados, embora escritos, são passados pela prática. Os músicos raramente tocam lendo qualquer tipo de partitura. Quase todos são anônimos, sem qualquer registro de procedência. Acredita-se que a maioria tenha sido composta pelos maestros da banda, todavia supõe-se que alguns sejam de cavalcadas de outras cidades e que foram adaptadas ao jeito da banda tocar.

Em uma das entrevistas a sra Maria do Carmo disse: “a Banda 13 de Maio é Corumbá de Goiás e Corumbá de Goiás é a Banda 13 de Maio. É impossível pensar uma sem a outra”. Quando perguntávamos aos entrevistados a relação da banda com suas vidas, sempre demonstravam que era parte integrante. Mesmo os entrevistados externos, ou seja, que não eram músicos da banda ou que não faziam parte delas, eles se recordavam de momentos marcantes de suas vidas. Ocasões das mais diversas, aniversários que banda tocou, funerais de pessoas queridas, formaturas de colégios em que a banda tocou, momentos de devoção religiosa etc.

Estudamos bandas há mais de 15 anos, conhecemos bandas de várias partes do país e do mundo, e nunca encontramos uma em que a relação com a comunidade local fosse tão intensa, tão “enraizada”. Quando vemos a banda participando dos eventos religiosos é como se banda fosse da Igreja. Nas tradições religiosas e liturgias locais, a participação da banda é indissociável, as músicas compostas pelos maestros da banda são parte integrante de quase todos estes eventos.

Quando assistimos as cavalcadas, vemos os cavaleiros, os cavalos e a banda. Ela é condição *sine qua nom* para a existência do espetáculo. Como foi apontado, até mesmo as músicas são originais e própria para o evento. O carnaval é outro momento em que banda tem participação mais do que especiais.

No início do texto, afirmamos que as bandas faziam parte da paisagem de quase todas as cidades pequenas do interior do Brasil. Mas a Corporação 13 de Maio vai além,

Realização



Itaú
cultural

MINISTÉRIO DA
CULTURA





Projeto:

Em Busca da Memória de uma Banda Centenária

ela se incorporou, mesclou, fundiu às tradições corumbaenses. Ela não faz parte da paisagem ela é a paisagem. A cidade de Corumbá de Goiás possui práticas culturais muito pitorescas, tradições, principalmente portuguesas, esquecidas na terra natal. Assim, a banda faz parte desta comunidade imensamente rica culturalmente, tradicional e viva. Como disse o historiador Primis: “A tradição é um processo – vive apenas enquanto é continuamente reproduzida. É efervescente, vital em sua aparente quietude”. E Corumbá de Goiás e a Corporação 13 de Maio provam que aparentemente param no tempo, mas estão cada vez mais vivas e efervescentes.

Marcos Botelho é Bacharel em Música com habilitação em trombone e mestre em Musicologia (orientado pela Dra Vanda Freire) com pesquisa sobre a história das bandas no Brasil, ambos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui título de Doutor em Educação Musical (orientado pelo Dr. Lélío Alves da Silva) pela Universidade Federal da Bahia desenvolvendo pesquisas sobre o ensino do trombone nas universidades brasileiras. É professor de trombone e música de câmara na Universidade Federal de Goiás e coordena o BandaLab (Laboratório de Estudos e Práticas de Bandas e Instrumentos de Sopros) na mesma instituição. Possui intensa atividade artística em diversos grupos de câmara e como regente de bandas. Suas pesquisas são voltadas para as bandas de música e ensino de instrumentos de sopros. Tem apresentado trabalhos de pesquisas e artísticos em vários países como: Portugal, Peru e Argentina.

Realização



Itaú
cultural

MINISTÉRIO DA
CULTURA

